Nesta palestra, Christine Greiner considerou a urgência da questão da alteridade no contexto contemporâneo. A partir das suas pesquisas mais recentes, apresentou um arcabouço teórico para refletir sobre como a arte tem atravessado as relações com o outro sob uma perspectiva do corpo e da subjetividade.

[1]Alteridade como dispositivo de poder
Relato da palestra de Christine Greiner[1]

Na apresentação da sua palestra, Christine Greiner observou que a questão da alteridade sempre foi significativa para a arte, mas após a virada do milênio algumas questões sociopolíticas emergem com uma urgência mais pulsante. Num contexto em que a problemática dos refugiados está cada vez mais presente, em que a globalização é ambivalente, em que as manifestações ocupam as ruas das cidades, em que o entretenimento toma conta das relações políticas, o pensamento sobre a vida cotidiana insiste. Nessa visada da contemporaneidade, Greiner propôs uma reflexão teórica para pensar como a arte tem lidado com tais circunstâncias.

A palestrante interrogou: se já é difícil lidar com a alteridade no cotidiano, como a arte tem lidado com essa questão? De forma tolerante (palavra que, à luz de Wendy Brown, pode ser capciosa e ambígua)? Como a arte e os artistas se abrem para os outros para enfrentar a diferença e fazer do estado de alteridade um estado de criação? Ou estaríamos todos imunizados (considerando o paradigma da imunização proposto por Roberto Esposito)? Repito aqui as indagações elencadas para iniciar a palestra: "Ainda se trata da busca por novos procedimentos a partir das dicotomias entre

1. Christine Greiner é professora do Departamento de Linguagens do Corpo da PUC-SP. Ensina no Programa de Comunicação e Semiótica e no curso de Artes do Corpo. É autora do livro Leituras do Corpo no Japão (n-1, 2015) entre outros.

eu e o outro? Existe uma empatia com as situações políticas que exigem uma exposição radical? Ou a subserviência aos interesses gerados pelo mercado internacional e pelas práticas imunitárias do self tem fomentado formas criativas de lidar com parcerias transculturais, ao invés de acionar processos de criação?"

Christine Greiner apresentou sua pesquisa mais recente, que começou a desenvolver após a publicação do seu livro Leituras do Corpo no Japão, em 2015. Para tanto, indagou-se sobre a possibilidade de ampliar seu campo de pensamento por meio de uma bibliografia que discuta a alteridade sem partir das práticas discursivas. Nesse campo do discurso, citou como exemplo Orientalismo - o oriente como invenção do ocidente, escrito por Edward W. Said, e as pesquisas sobre pós-colonialismo realizadas por Homi Bhabha, como no livro O local da cultura. Greiner reconheceu a importância dessas reflexões vindas dos campos da filosofia, psicanálise e literatura, mas afirmou que nelas há pouca discussão sobre o corpo. Uma exceção poderia ser apontada no pensamento de Judith Butler, também leitora da psicanálise, mas que propôs vários textos que discutem situações em que o discurso não se constitui ainda, em que acontece um "embate corporal".

Após este preâmbulo, Greiner teceu um mapa conceitual de autores que poderiam contribuir para a discussão do sujeito, do indivíduo e do corpo. Observou, a partir de uma bibliografia escrita em diferentes épocas, um ponto de vista recorrente: a compreensão de que não existe sujeito dado a priori, todos são inacabados, precários, descontínuos. Um resumo dessa teia de reflexões realizada pela palestrante é apresentado a seguir.

Primeiro, Greiner apresentou o pensamento do neurocientista português António Damásio por meio da sua proposição do "marcador somático". Esse conceito observa uma cartografia realizada pelo cérebro em que a disponibilidade para a mudança ocorre por meio da exposição à alteridade. De acordo com a palestrante, este autor utiliza a palavra "eu" considerando que este "nunca é autossuficiente, que não se constitui a partir de si mesmo" e sempre emerge, em constantes atualizações, em relação ao outro, que podem ser pessoas, espaços, objetos, ideias etc.

A palestrante também percorreu o pensamento de Gilbert Simondon, filósofo francês, cujos escritos realizados em meados do século passado tiveram grande influência em pensadores contemporâneos como Gilles Deleuze, Antonio Negri, Bruno Latour, entre outros. Simondon afirmava que não existe o indivíduo pronto e, sim, processos de individuação. Por esse viés, o indivíduo está sempre defasado de si mesmo e é através do processo de transdução que vai criando as relações com os outros.

Greiner considerou também as proposições do pesquisador canadense Brian Massumi, que relembra o conceito de sistema sob a perspectiva do movimento, em contraposição a sua compreensão como uma coisa. O autor discute as redes de percepção usando o conceito de "self" para enfatizar tal movimento em constante atualização diante das possibilidades "do que está sempre em devir", daquilo que ele pode ser "tomado por" (que é compartilhado o tempo todo). O pesquisador também observa a economia e o consumo a partir da ideia do narcisismo: a existência do indivíduo fechado em si mesmo é incompatível com a ideia de compartilhamento, tão difundida e discutida na contemporaneidade.

Por fim, questionando-se sobre esses movimentos de enclausuramentos que, de acordo com Damásio, negam o compartilhamento inerente da natureza humana, Greiner retomou o filósofo italiano Giorgio Agamben e seus pensamentos em O uso do corpo, o último livro da série Homo Sacer. A palestrante citou uma frase em que Agamben discute a constituição e o estatuto da pessoa, que é interessante retomar aqui: "Somente quando o pensamento é capaz de convocar o elemento político que se esconde na clandestinidade da existência singular, para além da cisão entre público e privado, política e biografia, é possível desenhar os contornos de uma forma de

vida e de um uso comum dos corpos. Só assim a política poderá sair da sua mudez e a biografia individual da sua idiotice".

A palestra terminou com interrogações-provocações a respeito da função social da arte e a autonomia do artista. Se a arte tem o papel de desestabilização de algo, de acionamento do sistema límbico[2], de trabalhar com a instabilidade e não agir como uma função social específica, como discutir as questões apresentadas anteriormente? E, assim, Greiner fez indagações que ressoam para um continuar a pensar (e produzir): "Seria a alteridade um estado de criação? Seria uma possibilidade de disponibilizar mudança, a ignição primária da arte? Será que é isso que tem acontecido hoje?"

Durante o debate conduzido por Galciani Neves e Paulo Miyada, afloraram mais inquietações sobre as intersecções entre o pensamento teórico e a vivência cotidiana, seja nos processos políticos, seja em outras dimensões, como a da academia ou do circuito das artes, que demandam a redação de projetos de proposições que estão sujeitas a fluxos contínuos de construção e desconstrução. Também foram feitas reflexões sobre a natureza do processo artístico, as possibilidades de experimentar algum tipo de fruição a partir da obra de arte, as implicações das escolhas do processo de criação sobre os modos de produção e a mercantilização da obra.

Entre tantas inquietações, é pertinente citar uma "anedota" narrada por Paulo Miyada sobre uma instalação de Nelson Leirner produzida na FAU-USP nos anos 1970. Naquela época, o artista "vinha de um processo crítico para um engajamento coletivo que tentava fazer uma leitura do seu tempo". Ao conceber o trabalho, considerava que a FAU era um espaço politizado de esquerda que lutava contra a ditadura, o que permitiria uma experimentação de ativação de públicos. Leirner esperava que seu trabalho potencializasse alguma espécie de greve, manifestação coletiva e anárquica ou, como afirma-se no site do artista, "criando um impedimento simbólico".

Ao mesmo tempo, aquele era um momento em que diversos professores haviam sido exilados do Brasil. E Leirner surpreendeu-se no dia seguinte após a montagem, ao encontrar apenas a estrutura de sua obra, sem mais os sacos pretos que a preenchiam. O movimento anárquico não ocorreu, e "as pessoas, individualmente, como consumidores, pegaram os sacos e apropriaram-se privadamente. Cada um por si", relatou Paulo.

Por fim, indagada por um comentário do público sobre as ambiguidades entre a representação do outro e a convivência com o outro pelo processo artístico, Christine Greiner observou a dicotomia do contexto contemporâneo como um dilema: "não só para os artistas, mas para todos que trabalham com o imaterial". Chamou a atenção para a demanda de, a partir dos autores apresentados durante a palestra, pensarmos a potência do presente. Apesar de não ser possível desconsiderar que "o neoliberalismo junta processo de criação com modos de produção, essa tensão pode ser ignição para a mudança. Também pode ser vista como alteridade. E a bola não está só com artistas, mas com os intelectuais, na vida cotidiana, nas redes de nossos afetos".